

Editorial

É com alegria que apresentamos aqui um novo número da *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos* em sua nova fase. A retomada do trabalhos de edição da Revista tem agora o apoio direto de um novo Conselho Editorial, formado por pesquisadores especialistas na filosofia de Hegel que atuam principalmente em universidades brasileiras. Contamos ainda com o apoio de um novo Conselho Científico, formado por importantes especialistas em filosofia clássica alemã, de diferentes nacionalidades e universidades do mundo, sobre cuja competência não é necessário falar aqui. Os nomes de todos os integrantes dos Conselhos Editorial e Científico são citados na nova página de apresentação de nossa revista e são por si só referências de seus trabalhos. Gostaria de agradecer aqui publicamente o engajamento de tão excelentes pesquisadores em nosso projeto. Este engajamento corresponde à nossa intenção de internacionalização e ampliação temática da *REH*, visando atualizar seu potencial de acessibilidade, característico das mídias eletrônicas. Neste sentido, em sua nova fase, a *REH* publicará, em diferentes idiomas e de autores de todas as nacionalidades, artigos que possam contribuir com o estudo da filosofia hegeliana, em especial, e, mais amplamente, da filosofia clássica alemã.

Neste primeiro número de retomada da revista se encontram alguns dos mais relevantes trabalhos apresentados no último *Congresso Internacional da Sociedade Hegel Brasileira*, cujo tema foi a *Filosofia da História* de Hegel.

O artigo de Tom Rockmore, intitulado *Hegel, history as intelligible and freedom*, propõe uma interpretação epistemológica construtivista da abordagem hegeliana acerca da História, a fim de desconstruir dois conhecidos “mitos” em relação à *Filosofia da História* de Hegel. O primeiro, conhecido como a tese do fim da história, baseia-se na interpretação equivocada de que a filosofia da história de Hegel seria uma espécie de teleologia fatalista. O segundo “mito” que Rockmore pretende combater baseia-se em uma interpretação igualmente equivocada de que a *Filosofia da História* de Hegel seria uma espécie de teologia, ou que consistiria em uma abordagem religiosa e cristã da História. Preocupado em afastar os leitores destes preconceitos, Rockmore adverte para a importância da tese hegeliana da superioridade epistemológica do conceito (*Begriff*) – modo de expressão e compreensão da filosofia – sobre a representação (*Vorstellung*) – modo de expressão e apreensão da religião. Neste sentido, Rockmore interpreta a *Filosofia da História* de Hegel como absolutamente secular e compreende que o conceito hegeliano de uma racionalidade na História, diz respeito não a

uma razão divina, mas sim à razão humana. Com isto, ele consegue fundamentar a ideia hegeliana de que o fim da história é tão somente a realização da liberdade.

Com outra abordagem, mas com foco também sobre a tese hegeliana da racionalidade da história, o artigo de Marcos Müller, intitulado *Paz Perpétua ou Tribunal do Mundo: a aporia jusnaturalista da saída do estado de natureza interestatal*, reconstrói um interessante diálogo entre a teoria kantiana sobre a possibilidade da cessação dos conflitos históricos entre diferentes povos do mundo e a teoria hegeliana sobre o julgamento das ações humanas a partir de um tribunal da história. A intenção de Müller é mostrar que a tese kantiana de uma paz perpétua, apresentada como solução para a chamada aporia jusnaturalista, tal como uma ideia regulativa a ser efetivada na História, contrasta de modo substancial com a concepção hegeliana de História e de Estado. O ponto central para compreensão deste contraste encontra-se na interpretação do autor de uma contradição entre a ideia de soberania interna de um Estado em particular e a ideia de soberania externa, baseada na relação recíproca de diferentes Estados, em sua pluralidade. Segundo Müller, a compreensão hegeliana desta contradição leva Hegel, diferentemente de Kant, a rejeitar a tese de uma paz perpétua, não como uma mera defesa do conflito ou da guerra, mas sim como consciência da necessidade do reconhecimento enquanto o único meio efetivo de controle sobre as históricas relações de poder e de domínio entre diferentes Estados.

Buscando também compreender a concepção hegeliana de história fundada em uma concepção de razão dialética, que não nega a importância do conflito, Martin Thibodeau analisa, em seu artigo *Tragedy and Ethical Agency: Remarks on Hegel's Early Essay on The Spirit of Christianity and Its Fate*, a tripla influência da interpretação da tragédia grega do jovem Hegel sobre o seu sistema da maturidade. Segundo o autor, a concepção do jovem Hegel do conflito trágico teria servido como modelo para as concepções maduras de Hegel (1) de uma contradição dialética, formulada em sua lógica especulativa, (2) de um desenvolvimento da História, apresentada em sua *Lições sobre a Filosofia da História*, e (3) de uma filosofia prática, desenvolvida em sua *Filosofia do Direito*. A intenção de Thibodeau é mostrar a importância da concepção de tragédia do jovem Hegel para o conceito de espírito, fundamental para a formação de seu sistema e, conseqüentemente, para sua concepção madura sobre o desenvolvimento histórico da humanidade.

No artigo intitulado *La idea fichteana de la propiedad. Sus limitaciones en el plano de la intersubjetividad*, Igor Ferreira descreve a filosofia prática de Fichte, em especial sua teoria do direito, fundada em seu conceito de autoconsciência, apontando suas diferenças e semelhanças em relação à filosofia do direito de Hegel e sua teoria do Estado. Seu objetivo é mostrar as conexões internas e externas entre os conceitos de trabalho, propriedade, reconhecimento e liberdade em ambos os filósofos, de modo que o leitor possa constatar a proximidade entre estes pensadores da filosofia clássica alemã.

A contribuição de Fábio Mascarenhas Nolasco, intitulada *Aspectos para uma história crítica da Análise: analítica kantiana e lagrangiana* trata de uma discussão histórico-filosófica sobre o conceito da análise matemática, que serviu de base para a chamada filosofia analítica, desde seu aspecto aritmético-analítico, fundado por Leibniz, passando pela concepção da analítica de Kant e pela teoria matemática de Lagrange, até chegar a crítica de Hegel, com a intenção de explicitar como a filosofia especulativa hegeliana, fundada em sua lógica dialética, envolve a suspensão da concepção analítica com base no pensamento simbólico-matemático.

Em seu trabalho *El futuro y el tiempo histórico en la filosofía de la historia de Hegel*, Rosa Belvedresi pretende esclarecer o papel que o conceito de futuro exerce sobre a concepção hegeliana de tempo histórico. Seu questionamento parte da hipótese de se pensar o futuro como projeção das ideias de progresso, meta e esperança da humanidade em tempos históricos melhores. Considerando as diferenças das concepções de História de Kant e Hegel, a autora enfatiza a importância do conceito hegeliano de espírito para a compreensão do desenvolvimento histórico, e esclarece que a má interpretação que se fez sobre uma suposta tese do fim da história se baseia exatamente na incapacidade de se compreender a importância do futuro na *Filosofia da História* de Hegel.

O tema do fim da História é retomado também por Daniel Brauer em seu artigo *La Filosofía de la Historia de Hegel después del “Final de la Historia”*. A intenção de Brauer é – como a de outros artigos aqui publicados – corrigir uma série de mal entendidos acerca da obra aqui estudada, contudo, ele o faz buscando justificar a origem destes erros a partir de determinadas ambiguidades presentes na própria *Filosofia da História* de Hegel. Dialogando com uma série de importantes intérpretes de Hegel, Daniel Brauer oferece uma nova possível interpretação sobre o fim da história, não mais como uma leitura escatológica da *Filosofia da*

História de Hegel, tão pouco como uma leitura positivista, baseada na ideia de progresso, mas sim, buscando compreender um aspecto normativo das teses de Hegel acerca do desenvolvimento histórico do mundo, especialmente no que tange o conceito de liberdade.

A edição deste primeiro número de retomada da *Estudos Hegelianos* não seria possível sem o incansável e competente trabalho de meu colega Federico Sanguinetti, Editor Auxiliar desta revista em sua nova fase. Para o trabalho final de formatação da revista contamos com o auxílio voluntário de meus orientandos bolsistas de doutorado, mestrado e iniciação científica, Cláudia Dalla, Pablo Guimarães e Matheus Schmaelter, além dos trabalhos da tradutora da *REH*, Verrah Chamma e de um dos membros do Conselho Editorial Luiz Fernando Barrère. Todo este trabalho foi coordenado pelo Editor Auxiliar da *Estudos Hegelianos* a quem presto aqui meus sinceros agradecimentos. Agradeço também ao diretor de publicações da *Sociedade Hegel Brasileira*, Manuel Moreira da Silva, pelo apoio logístico para edição da revista, que tornou possível sua existência física e virtual.

Agora convido a todos os interessados e estudiosos da filosofia de Hegel, da Filosofia Clássica Alemã e da filosofia em geral para a leitura e divulgação dos trabalhos aqui publicados.

Editor Chefe
Márcia C. F. Gonçalves